

Reflexões sobre a inter-relação entre comunicação e educação em tempos de *smartphones*¹

Naiane Gomes de Mesquita²
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

Este artigo apresenta uma proposta de pesquisa que reflete sobre a inter-relação entre comunicação e educação, com ênfase nos *smartphones* - dispositivos móveis que integram recursos avançados de computação. Em 2025, o uso desses aparelhos foi proibido no ambiente escolar pelo Governo Federal, sob a justificativa dos potenciais riscos à saúde dos estudantes. Porém, ao adotar uma abordagem restritiva, a regulamentação não mencionou ações de educomunicação ou educação midiática, ignorando a complexa relação com a tecnologia além do espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: smartphones; educomunicação; educação midiática; comunicação

INTRODUÇÃO

Em uma das cenas da série de ficção *Adolescência*³ (2025), o pai de um jovem acusado de assassinar uma colega de escola tenta justificar uma aparente negligência ao afirmar, em um diálogo com a mãe do menino, que acreditava que o filho estava seguro dentro de casa, conectado ao computador. A ideia de que o ambiente doméstico seria uma zona de proteção contrastava com a percepção de risco associada às ruas, onde na então geração do pai, existia o perigo real. No entanto, ao longo dos episódios, revela-se que o garoto, com apenas 13 anos, estava imerso em ambientes virtuais que propagavam discursos de ódio contra mulheres e que ele também era alvo de bullying on-line. A situação se desdobra a partir de uma narrativa complexa envolvendo o compartilhamento não autorizado de imagens íntimas de menores de idade e uma interação presencial no ambiente escolar que migra para o espaço digital, evidenciando como os limites entre o físico e o virtual tornam-se cada vez mais fluidos e interdependentes na pós-modernidade, nem sempre de uma forma que todas as gerações compreendem.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho de Comunicação e Educação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFMS), e-mail: naiane.tm@gmail.com.

³ **ADOLESCENCE**. Criação de: Thorne, J.; Graham, S. Reino Unido: Netflix, 2025. Série de ficção. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81756069?source=35>. Acesso em: 15 mar. 2025.

Bauman (2004) já observava essa interação e crescente dependência humana com a tecnologia há mais de duas décadas. “Estando com o seu celular, você nunca está fora ou longe. Encontra-se sempre dentro — mas jamais trancado em um lugar. Encasulado numa teia de chamadas e mensagens, você está invulnerável” (Bauman, 2004, p. 79-80). Nesta redoma há inúmeras camadas de conexão, exclusão, manipulação algorítmica, notícias falsas e novas formas de violência, como as mencionadas na descrição da série acima, que nem sempre são observadas pelos adultos, familiares ou responsáveis pelas instituições escolares. No casulo da teia tecnológica e midiática, há uma falsa sensação de que os seres humanos estão sempre próximos, acessíveis, em movimento e participantes ativos de uma rede global, ao mesmo tempo em que se cria uma sensação de que estão a par das leis da sociedade.

Todo esse contexto intensificou o debate sobre o uso prejudicial da internet, redes sociais e *smartphones* por crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento, abordado em obras audiovisuais, reportagens e estudos. A Unesco, por exemplo, em seu Relatório de Monitoramento da Educação Global (2023), alerta para os impactos negativos do celular na educação, como a perda de concentração e a possível dependência do aparelho. Segundo o relatório, um aluno pode levar até 20 minutos para retomar o foco após uma notificação, e países como Bélgica, Espanha e Reino Unido adotaram a proibição dos celulares nas escolas.

No Brasil, a restrição, na verdade, já vigorava nas diretrizes de muitas unidades escolares brasileiras, inclusive de forma legal em 20 estados⁴, mas foi oficializada em todo território nacional pelo Governo Federal com a Lei nº 15.100⁵, de 13 de janeiro de 2025, que veta a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais, inclusive telefones celulares, nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica, com o objetivo de salvaguardar a saúde mental, física e psíquica das crianças e adolescentes. A nova legislação deixa claro que a proibição inclui os ambientes de convivência durante o intervalo das aulas e ainda determina, apesar de não exemplificar como, que os celulares e outras tecnologias, podem ser utilizadas em sala

⁴ O GLOBO. Colocada em prática em 20 estados, proposta do MEC de banir celulares nas escolas enfrenta desafios; entenda. O Globo, 25 set. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2024/09/25/colocada-em-pratica-em-20-estados-proposta-do-mec-d-e-banir-celulares-nas-escolas-enfrenta-desafios-entenda.ghtml>. Acesso em: 7 nov. 2024.

⁵ IMPRENSA NACIONAL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025 - DOU - Imprensa Nacional. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-15.100-de-13-de-janeiro-de-2025-606772935>. Acesso em 19 de jan. 2025.

de aula desde que tenha uma intencionalidade de inclusão pedagógica clara, consciente e direcionada pelo educador.

No entanto, ao mesmo tempo em que proíbe, a lei não direciona, contempla ou propõe diretrizes que evidenciem a urgência de uma educação para os meios, que possibilite aos alunos desenvolverem um olhar crítico sobre as tecnologias digitais e suas linguagens ao longo da vida. O simples veto ao uso de aparelhos eletrônicos não garante a formação de sujeitos aptos a compreender os algoritmos, os discursos de ódio ou os mecanismos de manipulação presentes nas redes. Como destacam estudos da comunicação e educação, é necessário formar jovens não apenas para consumir, mas para interpretar, interagir e produzir criticamente nesses ambientes.

Nesta proposta de pesquisa, parte-se do pressuposto da relevância de compreender a proibição dos *smartphones* nas escolas, considerando as desigualdades de acesso, os desafios pedagógicos e o consumo midiático entre adolescentes. Ao investigar como a restrição ao uso de dispositivos móveis nas escolas brasileiras dialoga com o cenário internacional e com as recomendações da Unesco, pretende-se também aplicar questionários quantitativos e qualitativos para mapear o uso de celulares entre estudantes da rede estadual de ensino de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Busca-se, ainda, refletir se a proibição, sem uma educação midiática contínua e de qualidade, é suficiente para mitigar os riscos associados e promover o uso crítico das tecnologias.

2 EDUCAÇÃO DIALÓGICA, MÍDIA E TECNOLOGIA

O tensionamento entre tecnologia, comunicação e educação não é algo recente. Essa fascinação que os meios exercem na vida cotidiana, impulsionados por avanços tecnológicos como o rádio, a televisão e, agora os *smartphones*, passa por contrastes com o universo educacional. Soares (2000) defende que tanto a educação como a comunicação, ao serem instituídas como parte da racionalidade moderna, foram classificadas conforme funções específicas no imaginário da sociedade, com espaços independentes e neutros. Enquanto o modelo de aprendizagem formal é coordenado pelo estado, responsável por ditar e organizar as metodologias, regras, carga horária e conteúdo, a mídia foi na contramão ao fortalecer a informação, o entretenimento e a massificação seguindo uma lógica capitalista (Williams, 2011).

Ao reunir em um dispositivo múltiplas funcionalidades, o aparelho se acopla cada vez mais cedo à rotina de crianças e adolescentes, como apontam pesquisas recentes. Um levantamento do IBGE mostra que no Brasil, a proporção de pessoas com 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet passou de 66,1% em 2016 para 88% em 2023. A última edição do levantamento TIC Kids Online Brasil, divulgado em 2024 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), evidenciou que 70% dos usuários de Internet de 9 a 17 anos acessam com frequência elevada o *WhatsApp*, sendo que 53% utilizam a plataforma várias vezes ao dia e 17%, todos ou quase todos os dias, principalmente o Youtube, Instagram e TikTok.

O levantamento também evidenciou que os estudantes acessam a rede para fins educacionais, sendo que 86% afirmaram que navegaram na internet para pesquisar algo relacionado aos estudos, mais de uma vez ao dia (32%), sendo os maiores índices estão entre crianças do ensino fundamental I (82%) e adolescentes do ensino médio (90%)⁶. Já 53% ressaltaram que leem ou assistem notícias pela internet. O levantamento mostra que muito além do período que estão em sala de aula, os jovens têm acesso e usam o aparelho para acessar a internet, as redes sociais e buscar conhecimento.

Citelli (2021) elucida ainda que na realidade em que vivemos tais tecnologias não dão indícios de decréscimo ou arrefecimento. Envoltos nessa transformação de consumo de mídia, de redes sociais e informação, ainda há o fato de que essas ferramentas se tornaram grandes vetores de sociabilidade e de interações entre professores e alunos. Essa dualidade evidencia que a sociedade está diante de uma profunda reorganização (Martín-Barbero, 2014), que impacta os diferentes modelos de socialização e aprendizado, tanto na família quanto na escola.

Nesse cenário, práticas que articulam educação e comunicação propõem caminhos alternativos, valorizando as experiências de estudantes e educadores, apostando em abordagens dialógicas e situadas nas práticas sociais. A educação midiática, entendida como “um conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional em todos os seus formatos” (Ferrari, Machado, Ochs, 2020, p. 50), e a educomunicação, que visa “desenvolver e

⁶CETIC.br. Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação por crianças e adolescentes no Brasil. 2024. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/kidsonline/2024/criancas/B1A/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

fortalecer a capacidade de expressão de jovens e crianças” (p. 51), têm em comum o objetivo de superar o uso instrumental da comunicação e integrá-la de forma mais crítica e participativa ao cotidiano escolar. Desta forma, a educomunicação, principalmente, vai além da educação crítica para os meios, ao se preocupar com o aluno e sua relação consigo mesmo, como um ser em desenvolvimento, além de suas capacidades de interação com os colegas, docentes, a escola e a sociedade (Soares, 2011). Segundo Ferrari, Machado e Ochs (2020), a educomunicação e a educação midiática se complementam de forma simbiótica: enquanto a primeira incorpora elementos da educação midiática ao promover o consumo crítico das mídias e incentivar a ética e a fluência digital, a segunda se apoia na educomunicação ao valorizar a autoexpressão de crianças e jovens, fortalecendo sua participação ativa na sociedade.

3 CONCLUSÃO

Refletir sobre a presença dos meios de comunicação e da tecnologia em sala de aula sempre resulta em dúvidas e visões complexas sobre o melhor caminho a seguir. Enquanto muitos defendem a proibição, como no caso das regulamentações citadas anteriormente, é imprescindível compreender o quanto tais dispositivos estão presentes na vida cotidiana e assim continuarão por muitos anos, independente do período escolar, onde os jovens são preparados não só para a vida acadêmica, como o mercado de trabalho e as relações interpessoais. A crescente dependência a esses dispositivos móveis, conforme descrito por Bauman (2004), reflete uma realidade onde, por um lado, as tecnologias parecem conectar globalmente, mas, por outro, acentuam as desigualdades econômicas e sociais, tanto no acesso quanto em sua compreensão e apropriação.

O debate em torno da proibição dos *smartphones* nas escolas, que ganhou força nos últimos anos, nem sempre discute questões de desigualdades no acesso e exclusão digital que ainda afetam os brasileiros, assim como a simples implementação de restrições, sem uma análise crítica e uma abordagem formativa. Nossa hipótese é que, sem ações voltadas para a educação midiática e a educomunicação, a proibição do uso de celulares nas escolas tende a reforçar uma postura restritiva e pouco eficaz em um contexto amplo e duradouro. Em vez disso, propõe-se uma abordagem dialógica, capaz

de envolver a comunidade escolar na compreensão crítica das mídias e dos desafios da globalização. Inspirada em Freire (2017), essa proposta defende uma educação que vá além da simples transmissão de conteúdos, promovendo reflexão, autonomia e discernimento no uso das tecnologias.

REFERÊNCIAS

ADOLESCENCE. Criação de: Thorne, J.; Graham, S. Reino Unido: Netflix, 2025. Série de ficção. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81756069?source=35>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CETIC.br. **Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação por crianças e adolescentes no Brasil.** 2024. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/kidsonline/2024/criancas/B1A/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CITELLI, Adilson (Org.). **Comunicação e educação: dinâmicas midiáticas e cenários escolares.** Ilhéus, BA: Editus, 2021. 229 p.: il. (Comunicação e educação; v. 7).

FERRARI, Ana Claudia; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. **Guia da Educação Midiática.** 1. ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 64º Ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações.** Comunicação & Educação (São Paulo), set./dez. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo.** Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.